

**Elogio – Doutoramento *Honoris Causa***  
**Eng.º Ilídio de Pinho**  
**17 de junho de 2024**

**Fátima Vieira**

Magnífico Reitor da Universidade do Porto, Prof. Doutor António de Sousa Pereira  
Exmo. Senhor Presidente da Assembleia da República, Dr. José Pedro Aguiar-Branco  
Exma. Senhora Ministra da Cultura, Professora Doutora Dalila Rodrigues  
Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal do Porto, Professor Doutor  
Sebastião Fayo de Azevedo  
Magníficos Reitores das Universidades Portuguesas  
Exmos. Senhores Presidentes das Câmaras Municipais da Área Metropolitana do  
Porto  
Exmo. Senhor Vice-Presidente e Vereadores da Câmara Municipal do Porto  
Reverendíssimo Bispo do Porto, D. Manuel Linda  
Exmos. Presidentes do Conselho Geral e Conselho de Curadores da Universidade do  
Porto  
Exmos. Membros da Equipa Reitoral  
Exmos. Diretores de Faculdade  
Caros membros da comunidade académica  
Ilustres representantes das instituições da cidade do Porto  
Digníssimos convidados  
Minhas Senhoras e meus Senhores,

A todos saúdo, permitindo-me uma saudação especial ao Senhor Eng.º Ilídio Pinho, à  
Senhora D. Maria Emília e à sua família, aqui presentes.

É com enorme honra e profundo respeito que a todos me dirijo nesta cerimónia de  
atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* ao Eng.º Ilídio Pinho. Foi esta uma decisão  
aprovada por unanimidade nos Conselhos Científicos das Faculdades de Economia,  
de Letras e de Belas Artes desta Universidade, e que mereceu também  
a aprovação pronta do nosso Senado. A decisão – lê-se no Despacho Reitoral  
de 10 de abril –, fundamenta-se no reconhecimento da “trajetória notável” do Eng.º  
Ilídio Pinho “como empresário inovador que dedicou uma vida ao desenvolvimento  
económico, cultural e científico do país, em particular pelo seu compromisso  
inabalável com as áreas de atuação das Faculdades de Letras, de Economia e de  
Belas Artes da Universidade do Porto”.<sup>1</sup>

Cumpre-me, nesta cerimónia, a missão de apresentar ao Magnífico Reitor e à  
assembleia o doutorando, fazendo-lhe um “elogio” que, sublinhando os seus muitos  
méritos, evidencie que a outorga de um título de Doutor *Honoris Causa* não só é justa  
e pertinente como também prestigia a nossa Universidade. Esta é uma incumbência  
que muito me honra, pela estima e admiração que tenho pelo Eng.º Ilídio Pinho, mas  
é, na verdade, uma tarefa ingrata porque marcada pela consciência de que uma vida  
inteira – uma vida tão cheia como tem vindo a ser a do Eng.º Ilídio Pinho – não poderá  
nunca caber em poucos minutos. Na verdade, José Manuel Mendonça, Professor  
Emérito da Faculdade de Engenharia, precisou de 860 páginas para a descrever.  
Refiro-me ao livro *Ilídio Pinho: Uma vida. O Empresário e a Utilidade Pública*,  
publicado em 2015, fruto de quatro anos de investigação e recolha de documentos e  
testemunhos. A obra, que detalha, com minúcia, os muitos momentos da vida

empresarial do Eng.º Ilídio Pinho, tem o mérito de, tendo sido escrita por um especialista em Gestão e Administração, sublinhar a perspetiva estratégica e visionária do empresário, que, quer por intuição, quer por contacto constante com o mundo empresarial internacional, concretizava práticas de gestão inovadoras muito antes de elas terem sido consagradas no nosso país. Oferece, ainda, uma perspetiva de continuidade na carreira do doutorando que encontra a raiz na tradição empresarial da sua família. Importará, por isso, começarmos pelo princípio. Fá-lo-ei recorrendo à informação impressa sobre a longa carreira do doutorando, mas beneficiando também das horas de conversa que com ele travei, e que me levaram a compreender que a atribuição do título de Doutor *Honoris Causa* ao Eng.º Ilídio Pinho só faz mesmo sentido sendo proposta conjuntamente pelas Faculdades de Economia, de Letras e de Belas Artes.

Ilídio da Costa Leite de Pinho nasceu em Vale de Cambra em 1938, no seio de uma família de pequenos empresários. A família materna – os “Costa Leite” – estava historicamente ligada ao negócio dos laticínios; o seu pai, Arlindo Soares de Pinho, começou muito cedo a trabalhar como operário numa fábrica de serração de madeiras.

Determinado, metódico, inovador, logo soube tornar-se imprescindível, ascendendo a encarregado de serralharia, o setor mais importante da empresa. Em 1942, fundou uma firma de metalomecânica que em breve se expandiu para a produção de máquinas destinadas ao apetrechamento de fábricas de laticínios, e que daria origem à ARSOPI, uma das mais importantes empresas na área da produção de equipamento em aço inoxidável e outros materiais, atualmente com exportação para mais de 100 países.

Refiro a empresa do pai do Eng.º Ilídio Pinho porque foi aí que nasceu e cresceu o nosso doutorando – como o Senhor Eng.º costuma dizer, no “chão da fábrica” –; foi aí que aprendeu a disciplina do trabalho; foi na fábrica do pai que compreendeu a importância de todos os trabalhadores se sentirem úteis na sua missão, assumindo responsabilidades bem definidas, sem zonas cinzentas; foi aí que se formou a sua “estrutura mental”, naturalmente expandida, mais tarde, com contactos e estágios feitos em empresas avançadas, em Portugal e no estrangeiro, e fortalecida com o pragmatismo que aprendeu na Suíça; foi aí que compreendeu a importância da atenção aos avanços tecnológicos (fez visitas a exposições com o pai, de Espanha à Dinamarca) e a necessidade de controlar a qualidade dos produtos; foi do pai que herdou a determinação, o método e a ambição de inovar; e foi com o pai que aprendeu a criar um nome para a sua empresa: tal como a ARSOPI, empresa fundada pelo pai, resultara das iniciais de Arlindo Soares de Pinho, também a COLEP, empresa dedicada a embalagens de bolachas, biscoitos e chocolates, que o Eng.º Ilídio Pinho irá fundar em 1964, é um acrónimo dos seus sobrenomes: Costa Leite de Pinho, com o “P” de outra cor, em homenagem ao pai.

Salto para a segunda metade da década de 60 porque é então que tudo acontece. A ideia da criação da empresa surgiu ao nosso doutorando ainda antes de concluir o curso de Engenharia de Eletrotécnica e Máquinas pelo Instituto Industrial do Porto (atual ISEP), em 1964. Um acidente de automóvel, felizmente sem feridos, na autoestrada de Génova para Milão, quando ia visitar uma feira de amostras; a amizade com o filho do dono de uma fábrica de latas italiana; o encontro com o diretor comercial da Aluminium Suisse, em Génova – foram situações que o Eng.º Ilídio de Pinho descreve como “acazos”, mas que, na verdade, foram oportunidades que soube

agarrar. Tinha então 23 anos, formação académica e profissional, conhecia bem os clientes e os fornecedores, sabia como se organizavam as empresas da área no estrangeiro. Começou por produzir latas para bolachas com 45 contos emprestados por um emigrante e máquinas em segunda mão, beneficiando do conhecimento tecnológico do grupo europeu Metalpack. Em breve expandiu o negócio para embalagens de tintas e vernizes, aerossóis e lubrificantes e outros segmentos; apostou em parcerias importantes que lhe proporcionaram o acesso a novas tecnologias, e diversificou a COLEP, apostando em poderosas sinergias nacionais e internacionais. Assim nasceram a COLEP/VULCANO, a COLEP/INDÚSTRIAS, a CMB/COLEP, a COLEP/IMOBILIÁRIA, a COLEP/TRADING, e a COLEPINOVA, e muitas outras empresas nas áreas dos combustíveis, dos transportes marítimos, da informática, dos lacticínios, dos cabos, condutores e acessórios elétricos e da litografia artística; participou também no nascimento e desenvolvimento de bancos, companhias de seguros e sociedades financeiras.

Após 60 anos de vida empresarial, celebrados no Salão Nobre da Reitoria da Universidade do Porto no ano transato, o Eng.º Ilídio Pinho é, indubitavelmente, uma figura maior do empresariado português. O reconhecimento desse facto materializa-se nas muitas distinções que lhe foram atribuídas pelas mais variadas entidades, entre elas a Deloitte Portugal, que, em 2019, lhe atribuiu o “Lifetime Achievement Award”. Sublinho ainda, entre uma longa lista de louvores, os que lhe foram reservados, em diferentes ocasiões, pelo município e pelas muitas freguesias do concelho de Vale de Cambra, em agradecimento pela atenção e apoio que sempre prestou ao território que o viu nascer (em particular a Medalha de Ouro e o título de Cidadão Honorário de Vale de Cambra, bem como a atribuição do seu nome à principal avenida que dá acesso à cidade). Destaco, por fim, entre as muitas distinções concedidas, o título de Comendador da Ordem Civil do Mérito Agrícola e Industrial, a Grã-Cruz da Ordem do Mérito, o Crachá de Ouro da Liga dos Bombeiros Portugueses, a Medalha de Ouro da Cidade do Porto, a Medalha de Ouro da Universidade Católica e, mais recentemente, por ocasião dos 60 anos de vida empresarial, a Medalha de Mérito Cultural, atribuída pelo Governo Português.

A inteligência do Eng.º Ilídio Pinho para o negócio, o dinamismo e persistência que o caracterizam, a capacidade para distinguir o importante do marginal, a aposta na inovação organizacional, a utopia permanente que sempre lhe guiou a ação, a intuição na leitura do futuro, as respostas às tendências que sempre soube antecipar e o seu interesse por novas perguntas – sempre novas perguntas – posicionaram as suas empresas na vanguarda do mundo empresarial português. Contudo, como salientou nas inúmeras palestras que proferiu sobre economia, gestão, inovação e desenvolvimento empresarial, no coração das suas práticas de gestão arrojadas esteve sempre o entendimento de que um empresário é um criador de oportunidades para as pessoas que na empresa trabalham: é um gerador de utilidade pública, um promotor do bem comum. Por isso, nas suas empresas, sempre predominou o princípio da igualdade de tratamento.

Muito antes de se falar da “responsabilidade social das empresas” ou da importância de se criar, no ambiente de trabalho, relações de cumplicidade e sentimentos de pertença, o Eng.º Ilídio Pinho apoiou a organização, na COLEP, de uma orquestra que, na década de 80, fazia digressões pelas empresas dos clientes. Uma vez por ano, fazia festas com 700 colaboradores e respetivas famílias, que terminavam sempre com um bailarico. O Eng.º Ilídio Pinho sabia o nome de todos os seus colaboradores,

conhecia as suas famílias. As prendas dos clientes eram distribuídas em sorteio, de igual para igual, entre diretores e operários nas festas de Natal, acrescentando-se prendas para as crianças. “As empresas são catedrais profissionais onde predomina o princípio da igualdade de tratamento” – ouvi o Eng.º Ilídio Pinho dizer. “Por isso não tivemos nunca greves nas empresas do meu grupo” – explicou. Este é um excelente exemplo de como a solidariedade funciona e a cultura pode tornar-se o cimento que une a comunidade.

Não foi apenas através das suas empresas que o Eng.º Ilídio Pinho contribuiu para a coesão social. São múltiplas as situações em que desempenhou o papel de benemérito, apoiando pequenas causas, sabendo que teriam resultados com significado para as populações. Nunca esqueceu Vale de Cambra não só porque foi onde nasceu, mas porque está ciente de que o progresso do país depende do progresso de todas as suas geografias. A sua benemerência viu-se refletida em pequenos e grandes apoios, em diferentes áreas. Tanto comprou um carro para os bombeiros de Vale de Cambra, doou um terreno para o Parque Desportivo de Lordelo e ofereceu uma ambulância à Liga dos Amigos do Hospital de Santo António, como instituiu Bolsas de Estudo para o apoio a estudantes moçambicanos em Portugal e apoiou a PRO DIGNIDADE (Fundação de Direitos Humanos) e a APOIARTE (Associação de apoio aos artistas). Sempre considerou o princípio da solidariedade transversal a toda a sociedade. E reconhecemos o mesmo ímpeto que o levou a patrocinar iniciativas como as que acabei de referir nos gestos, bastante mais expressivos no seu valor pecuniário, de apoio à Cultura. Mencione-se, neste sentido, a sua atividade de benemerência em relação à Fundação de Serralves (de que é sócio-fundador), à Fundação Mário Soares, ou à Associação “Amigos do Coliseu” (de que também é sócio-fundador).

Nas suas palestras, mas também nas conversas informais que tive o prazer de ter com o Eng.º Ilídio Pinho, compreendi que tudo se inscreve numa mesma lógica, na sua “visão para Portugal”: precisamos de gerações altamente qualificadas, com uma cultura simultaneamente científica e artística, que contribuam para o desenvolvimento do país; e necessitamos de um país onde prevaleça a igualdade de oportunidades, e onde cada cidadão – tal como sucede nas empresas – compreenda como há de contribuir para o país. Foi esta visão holística, informada pelos princípios inflexíveis da igualdade e da solidariedade, que procurou promover quando assumiu funções tão diversas como a presidência do Conselho Municipal de Vale de Cambra, e, posteriormente, da Assembleia do mesmo município; quando integrou o Conselho de Administração da Associação Industrial Portuguesa e assumiu a vice-presidência do Conselho de Administração da Associação Empresarial de Portugal; ou quando integrou diversas comissões universitárias, nelas assumindo um papel de relevo. Foi esta ideia de “país” que o levou a aceitar a função de Mandatário, pelo Distrito de Aveiro, à candidatura à Presidência da República de Jorge Sampaio, de Mário Soares (de quem era amigo chegado) e de Aníbal Cavaco Silva.

Ouvi o Eng.º Ilídio Pinho dizer, em várias ocasiões, que “um só pode considerar as empresas como “catedrais profissionais” se tiver um entendimento social das coisas e da vida humana. Um empresário e um gestor” – afirmou – “devem ter uma vocação envolvente da sociedade e do mundo que os rodeia para poderem descobrir o que é útil a esse mundo”. Esta perspetiva, que surge, aliás, plasmada no subtítulo do livro assinado pelo Prof. José Manuel Mendonça – “O empresário e a utilidade pública” –, aliada à constante inovação e implementação de práticas de

gestão organizacional *avant la lettre*, seriam, sem dúvida, suficientes para que a Faculdade de Economia da Universidade do Porto se sentisse motivada a propor a atribuição do título de Doutor *Honoris Causa* ao Eng.º Ilídio Pinho. O que é inovador, contudo, na mundividência do nosso doutorando, é a maneira como articula a visão estratégica para as empresas com uma visão estratégica para a Universidade, de uma forma geral, e para as Artes e as Letras, em particular. É o interesse desta perspectiva que tentarei evidenciar, nos próximos minutos.

Quando perguntei ao Eng.º Ilídio Pinho de onde lhe vinha a paixão pela arte que está na base da sua coleção de arte contemporânea, a sua resposta surpreendeu-me: “Tem que ver com a minha visão do que é um empresário” – explicou. “O empresário é um criador: procura incessantemente melhores formas de participar na melhoria da qualidade de vida. O artista também não para na sua atividade criadora. Se lhe tirarem a tela da frente, ele começará a pincelar num outro suporte, à procura de algo que nunca existiu”. Na perspectiva do Eng.º Ilídio Pinho, há, pois, uma palavra que une empresário e o artista: a criação.

Numa conversa que tivemos recentemente, o Eng.º Ilídio Pinho confidenciou-me que, quando frequentava a Escola Industrial Bento Carqueja, em Oliveira de Azeméis, participou na criação de um conjunto de quadros artísticos que foram colocados na Sala do Conselho do estabelecimento de ensino. “Era já a minha vocação criadora a revelar-se” – disse-me. “Em toda a minha vida, como estudante, passava metade do tempo a estudar e a outra metade a imaginar. Como vou criar? Estava permanentemente insatisfeito com o existente”. E procurou a minha cumplicidade ao interpelar-me com uma pergunta retórica: “Quando, de noite, acordamos, o nosso poder criador desperta e temos dificuldade em voltar a adormecer, não é assim?”.

É, pois, isso que o liga às artes: sente-se artista; e sente que o artista é o empresário da criação. Para rematar o tema da conversa, o Eng.º Ilídio Pinho ofereceu-me duas citações iluminadoras da sua vida. A primeira é inspirada numa frase de Jean Cocteau: “Não sabia que era impossível. Por isso fui lá e fiz”. A segunda chega-lhe via Einstein: “Toda a ideia considerada factível não é inovação” – mas poderia, na verdade, ter citado uma outra frase atribuída ao físico teórico alemão: “A imaginação é mais importante do que o conhecimento”. A verdade é que o nosso doutorando é o melhor exemplo de um pensador utópico pragmático: imagina transformações radicais, define soluções e concretiza os seus planos. Não admira, pois, que nos múltiplos testemunhos de personalidades portuguesas, que ocupam 13 páginas do livro do Prof. José Manuel Mendonça, se leiam expressões como “criador de ideias”, “caçador de sonhos”, “desenhador de futuros” e “concretizador”.

“O gosto pela arte” – confidenciou-me numa outra conversa – “nasceu quando iniciei a minha vida empresarial. Comprei quadros para decorar o apartamento onde vivia. Sentia-me bem no convívio com essa arte; encontrava nela novas formas de vida”. O que fascina o Eng.º Ilídio Pinho nessa convivência com a arte é a leitura dinâmica a que se oferece: “Nunca é igual” – explicou-me. “Os quadros mudam a cada dia que os olhamos”. Assim é em relação aos seus dois quadros preferidos: o primeiro encontra-se em sua casa: trata-se de *Maternidade*, uma das pinturas mais emblemáticas de Almada Negreiros, onde o artista recorre à estilização geométrica e às formas simplificadas que o caracterizam para sublinhar a pureza, a essência, a humanidade e a universalidade da maternidade, sem distração de detalhes supérfluos. “Quando, todos os dias, regresso a casa e olho para a *Maternidade*,

a minha sensibilidade diz-me que a mulher mais bonita é a mulher grávida” – justificou (e eu fiquei a pensar, ao ouvi-lo, que a sua admiração deverá dever-se também ao facto de a maternidade ser uma forma de criação). A segunda obra encontra-se na Fundação Ilídio Pinho. O encontro diário com *Zink*, de Amadeo de Souza Cardoso, lembra-lhe a constante busca de Amadeo por novas formas de expressão (e aqui o paralelismo entre a vanguarda do modernismo europeu em que Amadeo se inscreve e a vanguarda da atividade empresarial do Eng.º Ilídio Pinho parecem-me evidentes).

Minhas Senhoras e meus Senhores, o nosso doutorando apaixonou-se por quadros. Sabe que está diante de uma obra de arte quando ela o interpela, o indaga, o inquire. Se gosta, compra: “Nunca vendi uma peça de arte. Nunca quis sequer saber quanto vale cada quadro da minha coleção” – esclarece. Por isso, quando empresta os quadros para exposições – que considera como iniciativas essenciais para que as obras possam ser valorizadas, na sua plenitude –, não quer saber do valor do seguro: “O que me interessa é o quadro, não a compensação financeira que a seguradora me poderá vir a dar caso a obra seja danificada ou extraviada”. Quando criou a Fundação Ilídio Pinho, na viragem do milénio, investiu numa estratégia de aquisição de obras a jovens artistas portugueses – e foram muitos, os jovens que beneficiaram do apoio da Fundação, sobretudo para a sua formação no estrangeiro. A Fundação oferecia uma espécie de bolsas que pressupunham um retorno, um pagamento com obras de arte, que, por sua vez, eram valorizadas pela sua integração naquela que é uma das maiores coleções de arte contemporânea portuguesa. Com o tempo, a Fundação alterou a sua política de atribuição dessas bolsas, deixando de ter como critério a juventude do artista e passando a adotar como metodologia de seleção o reconhecimento de talento, independentemente da idade. Hoje, são vários os artistas apoiados pela Fundação que expõem e integram coleções de museus em Novalorque, Berlim ou Londres. E muitos desses artistas de renome foram formados ou foram docentes (ou são, ainda hoje, docentes) da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, como provou a exposição *Dis/Docentes*, inaugurada nas Galerias da Casa Comum a 17 de julho de 2023, que mostrou desde obras de Álvaro Lapa, Ângelo de Sousa, Eduardo Batarida e Jorge Pinheiro, a Pedro Tudela, Fernando Pereira e Cristina Mateus. “Na realidade” – clarificou o Eng.º Ilídio Pinho – “sempre apoiei os artistas visuais, mesmo antes da criação da Fundação. Na COLEP, contratei excelentes *designers* para conceberem rótulos para as embalagens. Fomos os primeiros a utilizar os taipais das carroçarias das camionetas que circulavam pelo país, distribuindo os nossos produtos, para expor obras de arte. Eram verdadeiros painéis ambulantes de *design*”. Esta paixão pela arte, esta consistente atividade mecenática, seriam razões suficientes para a Faculdade de Belas Artes propor a atribuição do título de Doutor *Honoris Causa* ao Eng.º Ilídio Pinho. Existem, contudo, mais duas razões que importará evocar.

A primeira razão prende-se com o contributo significativo que a Fundação Ilídio Pinho deu à arte contemporânea portuguesa com a criação de *Anamnese: Plataforma digital sobre arte contemporânea de/em Portugal entre 1993 e 2003*. Ao assumir-se como um “mega-arquivo da actividade das instituições e dos artistas portugueses”, a plataforma oferece um “acervo de informação cronologicamente ordenado”, “congregando elementos que se encontram dispersos, em “condição de difícil acesso”, oferecendo um enquadramento para “cada acontecimento com perspetivas múltiplas e diferenciadas”.<sup>2</sup> O projeto, comissariado por Miguel von Hafe Pérez, encontra a sua

materialização em dois volumes impressos, de grande beleza gráfica, oferecendo, num total de 1 200 páginas, uma narrativa em mais de 600 imagens a cores.

A segunda razão tem que ver com a visão estratégica do Eng.º Ilídio Pinho para o desenvolvimento das artes em Portugal. Nas conversas que tive com o nosso doutorando, defendeu que o Ministério da Cultura deverá cumprir a sua missão de valorização da arte portuguesa através do desenvolvimento de políticas de apoio aos colecionadores. “A arte participa no PIB nacional e é um bem exportável” – defende o doutorando. “É preciso valorizar os artistas, apoiando a sua atividade e criando condições para que as suas obras cheguem ao estrangeiro. Trata-se de levar Portugal ao mundo” – defende. Para que tal aconteça, o Ministério da Cultura deverá apoiar iniciativas como a *Anamnese*, projeto que parou em 2003, mas também a atividade dos colecionadores de arte. “O problema dos colecionadores” – argumenta o Eng.º Ilídio Pinho – “é que têm dificuldade em conservar as obras de arte. O Estado não precisa de ser colecionador; tem é de fundar centros de reserva de arte, isto é, criar condições para que os colecionadores beneficiem de condições técnicas para manterem e expandirem as suas coleções”. Assim, na perspetiva do Eng.º Ilídio Pinho, todos beneficiam: os artistas, cujas obras são adquiridas, valorizadas e mostradas mais frequentemente em exposições, em Portugal e no estrangeiro; os colecionadores, que, dispendo de condições técnicas, se sentirão encorajados a expandir os seus acervos; e o Governo Português, que encontra nos colecionadores cúmplices na missão de valorização da produção artística nacional.

Quando fala de arte e cultura, contudo, o Eng.º Ilídio Pinho não restringe os conceitos às artes visuais. Toda a forma de inovação artística se encontra incluída, nomeadamente a literatura. Não nos deverá admirar, por isso, o apoio que o nosso doutorando tem vindo a dar às atividades culturais da Faculdade de Letras, nomeadamente ao Centro de Estudos da Cultura em Portugal, mais conhecido como “Casa dos Livros”. O primeiro apoio traduziu-se na cedência, em regime de comodato, do Diploma do Prémio Camões atribuído a Manuel António Pina, e que se encontra agora exposto na Casa dos Livros, integrando um acervo de documentação e biblioteca que vai desde a monumental coleção de Vasco Graça Moura ao espólio da poeta e antiga docente da Faculdade de Letras Ana Luísa Amaral. O segundo apoio revela-se, relativamente a esta poeta, na participação na criação do Grande Prémio de Poesia Ana Luísa Amaral, a anunciar brevemente, juntamente com a Universidade do Porto, a Câmara Municipal do Porto e a Câmara Municipal de Matosinhos. Estes patrocínios culminam num financiamento ainda mais consistente das atividades da Casa dos Livros, com a Fundação Ilídio Pinho a assumir-se como “Mecenas Único” da instituição.

A ligação do Eng.º Ilídio Pinho à Universidade do Porto não se faz, no entanto, apenas através destas três faculdades. A visão para a economia, para a arte e para a cultura do nosso doutorando inscreve-se numa concepção mais ampla do papel da Universidade. Aceitou sempre os convites para integrar diferentes comissões de instituições do ensino superior por considerar que poderia verdadeiramente contribuir para o seu desenvolvimento. Assim foi quando integrou a Comissão Administrativa do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa e ofereceu, a esta instituição, um apoio para a construção do Auditório Ilídio Pinho, em memória do seu filho, Ilídio Pedro; assim foi quando integrou o Conselho Consultivo da Universidade de Aveiro, e, mais tarde, o Conselho de Curadores dessa Universidade (que lhe viria aliás a conceder, em 2019, o título de Doutor *Honoris Causa*).

A relação com a Universidade do Porto é antiga: foi membro do Conselho Geral da Fundação Gomes Teixeira, onde teve um papel ativo na promoção da relação da U.Porto com a economia empresarial; foi membro do Senado da nossa Universidade; e foi membro do Conselho Consultivo da Faculdade de Economia, tendo dado um contributo relevante para o estudo e implementação de modelos de transferência de conhecimento para a criação de *spin-offs* académicos. A visão estratégica do Eng.º Ilídio Pinho para a Universidade parte de uma análise da economia do nosso país: “Para nos afirmarmos na Europa e no mundo, necessitamos de aumentar a produtividade e desenvolver uma economia apoiada em tecnologia avançada” – argumenta. O problema é que cerca de 80% da nossa força produtiva é braçal. Como poderemos transformar a obra braçal em cerebral se uma significativa parte da população não tem nem cultura nem competência para operar uma máquina de tecnologia avançada? A produtividade só poderá ser melhorada quando os trabalhadores do nosso país tiverem mais formação” – argumenta.

Minhas Senhoras e meus Senhores, é assim que o nosso doutorando justifica a necessidade de as universidades terem uma relação próxima das empresas e de tomarem a dianteira: “Os jovens deverão ter uma formação superior ao chão das coisas quando saem das universidades” – defende. “E as universidades têm de ensinar as empresas, não pode ser ao contrário”. Mas o futuro das universidades dependerá da nossa capacidade para acompanharmos os princípios e os grandes desafios que as ciências nos vão impor, o que exige uma visão integrada da educação, uma situação que o Eng.º Ilídio Pinho expõe em termos poéticos: “A formação dos nossos cidadãos tem de ter raízes na juventude. É como uma floresta. Se as raízes não forem suficientemente fortes, como poderá ser a árvore saudável?” – questiona. Importará, por isso, que se aposte, desde o ensino pré-primário ao superior, numa visão integrada da educação, que valorize a investigação, a inovação e o prazer da descoberta. Trata-se, no fundo, de se reativar o projeto “Ciência na Escola”, criado pela Fundação Ilídio Pinho no ano letivo de 2002/2003 para o estímulo precoce dos estudantes para a ciência, em que participaram de meio milhão de alunos e professores, e de que resultaram projetos inovadores, tendo os participantes incorporado metodologias de debate e trabalho em equipa, compreendendo que, quando se inicia um projeto e cada elemento contribui livremente com as suas ideias, o inesperado acontece.

O projeto “Ciência na Escola”, promovido em todos os níveis de ensino, do básico ao secundário, tornou os alunos curiosos pela ciência e permitiu que muitos descobrissem a sua vocação – reflexos que se veem já no ensino superior. O projeto teve a sua última edição no ano letivo de 2018-2019, altura em que o Ministério da Educação não renovou a parceria com a Fundação Ilídio Pinho, impedindo, assim, que pudesse continuar a ser implementado nas escolas. Diversas figuras públicas, entre elas o Magnífico Reitor da nossa Universidade, têm vindo a denunciar a insensatez dessa decisão e a reclamar a reativação do projeto. É que o nosso Reitor sabe que bem que é destes estudantes que as universidades necessitam, com vocação, dinamismo e capacidade de iniciativa. Afinal, só assim, com uma formação interdisciplinar, parcerias com as autarquias, as empresas, as escolas, as universidades e os centros de investigação, poderemos desenvolver uma cultura científica promotora do progresso. A isto chama o Eng.º Ilídio Pinho “uma estratégia estrutural para mudar Portugal”. E por isso criou a Fundação Ilídio Pinho, onde todas



estas ideias confluem na defesa e no contributo para o progresso científico e tecnológico e na promoção das artes e da educação.

Minhas Senhoras e meus Senhores, estamos perante um doutorando que, desde cedo, viu mais longe, e que nos oferece uma perspetiva integrada da transformação que a nossa sociedade tem de sofrer. A sua longa vida proporcionou-lhe conhecimento acumulado, que se propõe partilhar com a nossa Universidade. O Eng.º Ilídio Pinho sabe que uma nova cultura científica corresponderá a uma nova cultura empresarial; sabe que uma nova cultura empresarial só será possível com inovação; sabe que o artista é um criador por excelência, podendo o empresário encontrar, por isso, na arte, metodologias de inovação inspiradoras; sabe que uma empresa só poderá ser bem-sucedida se se nortear por uma visão integrada do mundo, zelando pelo bem comum; sabe que a cultura é o cimento da sociedade; sabe que a Universidade é um elevador social. E sabe que ciência, tecnologia, educação, economia, arte e cultura são elementos de um sistema que, para funcionar, necessita de ter todos os pontos interligados.

Minhas Senhoras e meus Senhores, estamos perante um doutorando que se comove com a arte, que acorda sobressaltado com novas ideias e que acredita que, através da cultura, da arte e da ciência é possível mudarmos o mundo. Quando perguntei ao Eng.º Ilídio Pinho que livros levaria consigo para uma ilha deserta, mencionou dois, bem ilustrativos da sua personalidade e cosmovisão. Em primeiro lugar, as obras completas de Ferreira de Castro; em segundo lugar, o livro *Cosmos*, de Carl Sagan, que o Magnífico Reitor da Universidade do Porto lhe ofereceu recentemente. Justificou a primeira escolha descrevendo Ferreira de Castro como um homem culto e orientado para a paz. Não precisou de esclarecer a segunda escolha: *Cosmos* é uma celebração do conhecimento científico e um apelo à humanidade para explorar e entender o universo. Inspira os leitores a olhar para o céu com admiração e curiosidade. É uma excelente reflexão crítica sobre o papel da ciência na sociedade e a necessidade de preservação e desenvolvimento do conhecimento científico. Não poderiam ser outras as escolhas, vindas de um homem que tem como lema: “Hoje é passado”. Do muito que aprendi com o Eng.º Ilídio Pinho, retenho a fórmula otimista do seu pensamento: “Hoje já sei mais do que ontem. Vou deitar-me a saber mais do que quando me levantei”. Esta é, também, uma forma de se descrever o progresso.

Magnífico Reitor, espero ter conseguido defender a justiça da decisão conjunta da Faculdade de Economia, da Faculdade de Letras e da Faculdade de Belas-Artes de atribuição do título de Doutor *Honoris Causa* ao Eng.º Ilídio Pinho. Estamos perante um homem cuja vida e pensamento em muito excedem o que aqui foi dito, mas julgo que o exposto concede substância à minha convicção de que, ao inscrevermos o nome do Eng.º Ilídio Pinho na galeria dos novos doutores da Universidade do Porto, estaremos a concretizar um ato da mais elementar justiça e a traduzir o sentimento comum de respeito e admiração pela obra que concretizou, e que vai continuar a concretizar. É que, como me explicou o doutorando, numa das nossas conversas, “o empresário nunca se reforma porque a sua insatisfação vive com ele até à morte”. E nós – a nossa sociedade, a nossa universidade, necessitamos de indivíduos insatisfeitos, visionários e concretizadores como o Eng.º Ilídio Pinho.

<sup>1</sup> Despacho Reitoral n.º GR.HC.10/04/2024.

<sup>2</sup> <http://www.anamnese.pt/?proj>